

A Nova Jerusalém: a Cidade de Deus, de Cristo.

Leitura intertextual de Ez 48,30-35, Ap 21-22 e App¹ de Paulo 23-50.

Isidoro Mazzarolo²

A Cidade e o Templo de Jerusalém em Ez 40-48.

Ezequiel é um profeta que escreve, provavelmente, dentro do exílio da Babilônia. Quando Ezequiel escreve sua profecia, Jerusalém ainda estava em escombros. A expectativa do profeta não é escatológica, não é futurista, ela é histórica, imediata, concreta. O Deus do seu povo mora em Jerusalém, Yahweh não foi para o exílio, ele ficou sem a casa, mas reside nesta cidade (Esd 1,3). O profeta almeja e sonha que essa cidade dos seus antepassados seja reconstruída e Deus possa voltar a ser cultuado no seu monte santo, no seu templo (cf. Esd 1,4).

A profecia mistura sonho e visão com a expectativa, anseios concretos e imediatos de uma cidade reerguida das cinzas. Ezequiel não está longe da realidade, mas sua forma de escrever é enigmática e reconstrutiva do passado perdido na destruição e nas deportações. A visão da nova cidade começa no capítulo 40 e se estende até o capítulo 48 e tem caráter político e religioso. O profeta espera que a cidade volte a ser o lugar da morada de Deus, por isso, não bastavam apenas medidas econômicas para reconstruir a cidade, suas muralhas, seu brilho e pujança, era preciso também tomar sérias medidas religiosas e culturais a fim de impedir que outro exílio acontecesse. Essas medidas culturais exigiriam uma *seleção e exclusão do acesso ao templo*. Todos os *incircuncisos de coração e de corpo, bem como nenhum estrangeiro* poderiam entrar no novo templo (Ez 44,4-9).

Essa medida drástica evitava a possível ocasião de profanação do templo através da impureza ou da indignidade de orar no Templo: “Que nenhum estrangeiro penetre no interior da balaustrada e do recinto que cercam o santuário. Aquele que venha a ser apanhado só a si próprio deverá culpar pela morte que será o seu castigo”³. O profeta estaria pressupondo uma nova forma de evitar abusos do passado no templo quando, em virtude de acordos políticos, os reis de Israel casavam com mulheres pagãs e elas tinham o privilégio de colocar suas divindades no templo do rei e de prestar cultos idólatricos no mesmo santuário (cf. 1Rs 11,1-13).

¹ Adotaremos “App” para indicar o Apocalipse apócrifo de Paulo.

² Professor Doutor do Departamento de Teologia da PUC-RJ.

³ Cf. Bíblia de Jerusalém, *Nova edição*, 2002, nota “c”, referente a Ez 44,9.

Na teologia deuteronomista, dentro da qual se encontra o profeta, vem a consciência do exílio como punição de Yahweh contra o povo por causa da idolatria e da corrupção do templo (cf. Dt 30,1-20). O povo havia desvirtuado o sentido do templo e do sagrado. Na profecia de Isaías, o templo deveria ser a *casa de oração para todos os povos* (Is 56,7). É bem verdade que na oração de inauguração do templo, Salomão intercede pelo estrangeiro, aquele que vem de longe, se vier a orar no Nome de Yahweh nesse templo, ele poderia ser atendido *lá dos céus onde Deus mora* (1Rs 8,41-43). Conforme essa oração, atribuída a Salomão, haveria uma possibilidade ecumênica de presença no templo, mas todas as orações e ritos deveriam estar voltados para o mesmo Deus, o Deus de Israel. Um outro aspecto interessante dessa oração é que *Deus não mora no templo*, ele mora nos céus, por que nem os céus e tão pouco essa casa podem abarcar Deus (1Rs 8,26-27). Essa consciência da soberania e magnanimidade de Yahweh contrasta com a visão política do templo aplicada por Esdras, como motivação para o retorno dos filhos dos exilados, o qual insiste que *o Deus de Israel reside em Jerusalém* (Esd 1,1-6). Afinal, YaHWeH, Deus de Israel, mora ou não mora no Templo?

Os conflitos religiosos e sociais sempre complicaram a relação do sagrado com o profano na tradição de Israel. O profeta Miquéias afirma que quando o povo entrava no santuário, cheio de pecados, Yahweh se retirava dele (Mq 1,2-3). Se Yahweh sai do santuário e vai para os altos montes da terra, ele protesta contra a hipocrisia de Israel e vai escutar os pagãos que fazem seus sacrifícios nos lugares altos. É o protesto de Yahweh contra seu povo. O pecado social do povo é a razão do exílio e, segundo o profeta Jeremias, o retorno do exílio seria mais importante do que o êxodo do Egito (Jr 16,14-16).

Diante dessa teologia deuteronomista, até certo ponto, nacionalista, tratava-se de justificar a *pureza da raça, a exclusão dos estrangeiros e os privilégios dos que estavam retornando sob os auspícios dos persas*. Assim justificado, Esdras convoca todos os homens para que apresentem a genealogia de suas esposas, e caso não fosse comprovada sua pureza genética, segundo a descendência abraâmica, eles assinariam o libelo de repúdio (Esd 9-10)⁴.

⁴ Na tradição semítica não é correto falar de divórcio, pois esse lexema pressupõe um direito bilateral de petição jurídica e de estado de direito. Visto que as mulheres eram compradas pelas famílias dos maridos, depois do casamento elas passavam a ser *propriedade dos maridos*, e unicamente eles tinham o direito sobre o destino delas. Assim não se fala que a mulher não deve cobiçar o marido da próxima, mas somente o homem não pode cobiçar a mulher do próximo (Ex 20,17; Dt 5,20). Sendo propriedade do marido, esse poderia dar a carta de repúdio (expulsão) *por qualquer motivo* (Mt 19,3).

As medidas tomadas por Esdras e seu grupo foram mais na ordem sociológica e política do que religiosa. O caos social se instaura ao redor de Jerusalém com o repúdio de muitas mulheres e seus filhos. Muitas delas se retiram para a Samaria, umas com seus filhos, mas sem nenhum recurso econômico e outras com seus próprios maridos, os quais não aceitaram a determinação de Esdras.

O segundo nível de leis da restauração foi o acesso ao templo. Os estrangeiros não poderiam mais passar da parte externa para dentro. Os sacerdotes que desempenhariam as funções seriam exclusivamente sadoquitas, como encontramos na própria especificação de Ezequiel: Os levitas serão a classe de sacerdotes que servirá no templo, eles serão responsáveis pela matança dos animais para o sacrifício e oferecerão a gordura e o sangue (Ez 44,10-31). Esse texto mostra como o sacerdócio levítico foi se impondo na tradição pós-exílica, mas a sua hegemonia foi construída com muitas lutas e revoltas de outros grupos como os de Coré, Datan e Abiran (Nm 16-17)⁵.

A Descrição do Templo

Ezequiel recebe a descrição, a localização e as medidas do novo templo através de uma visão (Ez 40-42). As dimensões, as proporções e tudo o que concerne ao mesmo estava de acordo com uma nova visão de povo, de culto e sacerdócio, mas a inspiração e o detalhamento ele encontra no livro dos Reis (1Rs 6-7)⁶.

a) Quanto ao povo, as novas regras seriam claras: nenhum estrangeiro, incircunciso de coração (cf. Dt 30,6) e incircunciso de corpo entraria mais no átrio interno, passando da balaustrada (Ez 44,9);

b) Quanto ao culto seria executado segundo as determinações da pureza, do controle da origem, com medidas e pesos fixos e datas precisas (Ez 45,13-25);

c) Quanto ao sacerdócio seria exclusivo dos levitas (Ez 44,10-31). O sacerdócio, antes do exílio era uma função exercida por muitos, dentre os filhos de Aarão (cf. Ex 28,1).

Esses três tópicos seriam suficientes para marcar uma nova etapa na história de um povo. Até o exílio, o povo de Israel agregava gente de outras culturas e etnias sob a égide de Yahweh (cananeus, egípcios, moabitas e outros) formando o povo hebreu. De-

⁵ ARTUSO, V., *A revolta de Coré, Datan e Abiran contra Moisés e Aarão*, tese de Doutorado na PUC-Rio, 2007. O autor apresenta uma análise narrativa dos conflitos e dos castigos impostos aos revoltosos em virtude de sua não aceitação da exclusividade do sacerdócio levítico, imposto à força por Moisés e Aarão.

⁶ KEIL, C.V., DELITZSCH, F., "Ezequiel and Daniel", *Commentary on the Old Testament*, v.9, p. 342-381.

pois do exílio, surge o povo judeu, não mais caracterizado como o habitante de Judá, mas como uma raça que integra exclusivamente a linhagem genética estabelecida pela reforma de Esdras.

As visões sucessivas do profeta a respeito das medidas do templo foram sendo passadas paulatinamente no vigésimo quinto ano do exílio (Ez 40,1) indicando que ainda faltavam mais vinte e seis anos para a libertação, pois o exílio durou cinquenta e um anos, sem contar todos os conflitos para o começo das obras de reconstrução que atrasou a sua conclusão em algumas décadas (cf. Esd 5-7).

As medidas do templo seguem parâmetros semelhantes aos anteriores, isto é, do primeiro templo salomônico (1Rs 6-7). Keil e Delitzsch afirmam que Ezequiel separa a cidade do templo. O templo deve estar no topo da montanha santa, no centro de Canaã, numa reconstrução tipificada no primeiro templo de Salomão, enquanto a Jerusalém celeste não teria o templo, pois não precisa dele⁷.

A Descrição da Cidade de Jerusalém Ez 48,30-35.

As portas da cidade teriam os nomes das tribos de Israel, em sinal de saudade e memória do passado (48,31). Três portas ficarão ao norte (Rúben, Judá e Levi). No lado leste também haveria três portas (José, Benjamim e Dã). No lado sul haveria três portas com os nomes de Simeão, Issacar e Zabulon. Do lado Oeste estariam as portas com os nomes das tribos de Gad, Aser e Neftali. O comprimento dos muros seria de um quadrilátero com quatro mil e quinhentos côvados⁸.

O nome da cidade dado pelo profeta seria “*Yahweh sham*”, isto é, Javé está lá. No decreto de Ciro, o retorno dos exilados tinha uma razão fundamental: Javé não tinha ido para o exílio, mas tinha ficado na cidade e os que quisessem adorá-lo teriam que voltar para a cidade e reconstruí-la. “Assim fala Ciro, rei da Pérsia: Yahweh,, o Deus do céu, entregou-me todos os reinos da terra e me encarregou de construir-lhe um Templo em Jerusalém, na terra de Judá. Todo aquele que dentre vós, pertence a seu povo, Deus esteja com ele e suba a Jerusalém, na terra de Judá, e construa o templo de Yahweh, o Deus de Israel – *o Deus que reside em Jerusalém*” (Esd 1,2-4).

Se o Deus dos judeus ficou em Jerusalém, no exílio não havia como louvá-lo, bendizê-lo e adorá-lo. O salmo histórico dos exilados pode soar como uma realidade

⁷ KEIL, C.V., DELITZSCH, F., “Ezequiel and Daniel”, *Commentary on the Old Testament*, v.9, p. 471.

⁸ Curiosamente a cidade atual tem as muralhas com as dimensões aproximadas, dentro do plano de reconstrução de Suleiman II, o magnífico, da Turquia, no séc. XVI (1.200 m. de largura e 1.350 m. de comprimento). Quatro mil e quinhentos côvados correspondem a 1.300 metros.

que move o coração e a razão para momentos tristes da vida: “À beira dos canais da Babilônia nos sentamos e choramos com saudades de Sião (Jerusalém); nos salgueiros que ali estavam penduramos nossas harpas. Lá, os que nos exilaram pediam canções; nossos raptos queriam alegria – ‘Cantai-nos um canto de Sião!’ Como poderíamos cantar um canto de Yahweh numa terra estrangeira? Se eu me esquecer de ti, Jerusalém, que me seque a mão direita. Que me cole a língua ao paladar caso eu não me lembre de ti...” (Sl 137, 1-6).

A visão da cidade de Jerusalém parte de uma imagem ou de informações que o profeta já conhecia. Os exilados tinham muita saudade de sua terra e sua cidade, e pior, sabiam que estava em ruínas. A cidade de Jerusalém está associada à terra, à pátria, ao lugar de morada confrontados com o desterro, o exílio e a consciência de culpa. Esperar pelo fim do exílio e sonhar com uma nova oportunidade de reconstruir os sonhos para si e para os seus não era uma visão, mas um sonho real, acalentado a cada noite mal dormida e a cada dia de trabalho escravo. A Jerusalém de Ezequiel 40-48 se aproxima da visão de Isaías 62.66.

Os Novos Céus e a Nova Terra em Is 65,17-25.

A descrição dessa nova realidade, em Isaías, apresenta uma aproximação com o Apocalipse 21-22, mas não se trata de uma cidade, e sim, de algo totalmente novo, uma nova ordem das coisas, uma nova criação, novas criaturas sem pecados e sem males:

“¹⁷ Com efeito, *criarei novos céus e uma nova terra, as coisas de outrora não serão lembradas, nem tornarão a vir ao coração.* ¹⁸ Alegrai-vos, pois, e regozijai-vos para sempre com aquilo que estou para criar: eis que farei de Jerusalém um júbilo e do meu povo uma alegria. ¹⁹ Sim, regozijar-me-ei em Jerusalém, sentirei alegria em meu povo. Nela *não se tornará a ouvir choro, nem lamentação.* ²⁰ Já não haverá ali criancinhas que vivam apenas alguns dias, nem velho que não complete sua idade; com efeito, o menino morrerá com cem anos e *o pecador só será amaldiçoado aos cem anos.* ²¹ Os homens construirão casas e as habitarão, plantarão videiras e comerão os seus frutos. ²² Já não construirão para que outro habite a sua casa, não plantarão para que outro coma o fruto, pois a duração da vida do meu povo será como os dias de uma árvore, meus eleitos consumirão eles mesmos o fruto do trabalho das suas mãos. ²³ Não se fatigarão inutilmente, nem gerarão filhos para a desgraça; porque constituirão a raça dos benditos de Yahweh, juntamente com os seus descendentes. ²⁴ Acontecerá então que antes de me

invocarem, eu já lhes terei respondido; enquanto ainda estiverem falando, eu já os terei atendido.²⁵ *O lobo e o cordeiro pastarão juntos*, o leão comerá feno como o boi. Quanto à serpente, o pó da terra será seu alimento. Não se fará mal, nem violência em todo o meu monte santo, diz Yahweh” (Is 65,17-25)⁹.

Um ponto importante na utopia de Isaías é que as *coisas velhas não virão mais ao coração*. O que seriam essas coisas do passado? Seriam apenas os males, as dores, a violência, ou trata-se de saudades de coisas perdidas, do apego ao tempo e ao espaço? Se a média de vida na Palestina era de 42 anos, como se podia aplicar uma pena ao culpado só aos cem anos? O salmista afirma que era um fato notável quando alguém chegasse aos oitenta anos (Sl 90,10).

O profeta vai além de um sonho histórico, de uma realidade política e de ambições nacionalistas. O lobo nunca comerá capim, mas não exercerá agressividade contra o cordeiro. A nova criação será sem os males dessa que ali está, que o profeta vive, que experiencia e conhece. É um olhar distante, uma realidade no além.

A Cidade de Deus (a Nova Jerusalém) no Ap 21-22.

O Ap de João 21,1 fala de *um novo céu e uma nova terra* como sendo uma *visão*, em continuidade à seqüência de visões do autor, desde 4,1 em diante. (Ver artigo *visão...*). Pode-se, na verdade, falar de uma visão única no Apocalipse à qual se manifesta em etapas. Desde que o vidente é chamado a subir aos céus (Ap 4,1) até à conclusão do julgamento (Ap 22,15).

O primeiro céu e a primeira terra já não existem (Ap 21,1), por isso, a Jerusalém celeste desce dos céus pronta como uma esposa enfeitada (Ap 21,2-3), ela desce dos céus de modo totalmente surpreendente, sem que os convidados saibam como está vestida, quem a acompanha ou onde vai se instalar.

A Jerusalém celeste terá apenas o nome de Jerusalém, mas será uma cidade com um contexto totalmente diferente. Ela nada tem da Jerusalém histórica, situada em Israel atual.

Nosso autor está fazendo uma releitura de sentido de tudo quanto consta em torno da Jerusalém atual. Ainda que o autor possa ter tido alguma inspiração em Is 51 e 65,

⁹ A conclusão dessa descrição no v. 25 se aproxima da cidade do Messias, pois ele reinará com justiça e inspiração do Espírito de Yahweh. O seu reinado estabelecerá a justiça e todas as criaturas conviverão numa harmonia paradisíaca (Is 11,6-9).

essa cidade de Davi (2Sam 5,9; 24,25; 1Rs 6,2; Sl 122) é a cidade de Deus, não a cidade dos homens.

Não se trata da cidade dos Jebuseus conquistada por Davi e seu bando (2Sm 5,6-10; 1Cr 11,4-9), também não é a futura capital do povo messiânico (cf. Is 2,1-5; 54,11; 60; Jr 3,17; Sl 87,1). Na Jerusalém histórica, atual, o Espírito Santo inicia a missão da Igreja cristã (At 1,4.8; 2,1-13; 8,1.4). A Jerusalém celeste, a cidade de Deus não procede da cidade de Davi, da Jerusalém histórica, mas de Deus. Em Is 60 e Ez 40 trata-se da Jerusalém atual, reformada, reconstruída e embelezada. O arquétipo de sentido pode ter inspiração nesses e outros textos veterotestamentários, mas a Jerusalém de João e a de Paulo (apócrifo) é celeste.

O autor vê uma cidade substituindo a outra, porque a primeira passou, mudou, sumiu. Onde será instalada essa cidade, ele não define, apenas que ela desceu dos céus como a cidade de Deus.

O vidente é conduzido à cidade de Deus por *um dos sete anjos* (Ap 21,9) das pragas (cf. 8,7-21) para ver a cidade situada sobre o monte.

A Jerusalém que João vê e descreve é descida do céu (21,10; cf. 21,2)

A descrição da cidade no Apocalipse.

A cidade celeste é preciosíssima como uma pedra de jaspe cristalino (21,11).

A nova cidade tinha doze portas e doze alicerces. A maioria dos autores e mesmo as concordâncias bíblicas colocam essa descrição das *doze portas e seus nomes* em sintonia com Ezequiel 48,30-35. Ainda que possa haver uma analogia simbólica, em Ezequiel não se trata de uma cidade celeste, mas da reconstrução da Jerusalém histórica. Parece haver uma diferença conceitual bastante significativa, visto que o profeta Ezequiel, situado no exílio, sonha com a reconstrução da cidade histórica de Jerusalém, enquanto o vidente João transfere toda a percepção para outra realidade, ou seja, uma cidade onde não haja mais possibilidade de destruição, de dor ou conflitos. Ela será a cidade de Deus com o seu povo, isto é, todos os povos. Essa visão é includente, pois Deus será Deus e o povo será o povo, não mais segregado, mas unido. Assim, nos doze portões estarão inscritos os nomes das doze tribos de Israel (21,12), mas a muralha tinha doze alicerces e neles estavam os nomes dos doze apóstolos (21,14). De modo análogo aparece o texto do Ap 7,1-17 apresenta uma visão da salvação inclusiva, em duas partes. Todos os que tiverem praticado a justiça dentre as doze tribos estarão salvos, e a grande

multidão, que ninguém podia contar, de todos os povos, tribos, línguas e nações que adoraram o Cordeiro e por ele lavaram suas vestes no seu sangue.

O Apocalipse se afasta das visões proféticas veterotestamentárias enquanto ele entende que *uma cidade de Deus* não se sujeita a interpretações culturais, históricas ou alinhavadas no tempo. Deus transcende a História, os povos e as culturas, dessa forma a referência às doze tribos ou aos doze apóstolos é apenas uma questão de compreensão humana para a superação das barreiras segregatórias criadas pelas culturas e crenças.

João, o vidente, tem diante de si uma realidade escatológica. Se Deus vai enxugar toda a lágrima e numa mais haverá choro ou luto (Ap 21,4; cf. Is 25,8; 35,10; Ez 37,27), então o “*vale de lágrimas*” estará terminado para os que vivem a justiça e a fidelidade aos mandamentos (Ap 13,15-17)¹⁰.

O acesso a essa cidade não será mais estabelecido pelos circuncisos no corpo ou pelos geneticamente perfeitos, mas pelos que foram fiéis ao Cordeiro, pois o Immanuel (Is 7,14) será o Deus com eles (Ap 21,3). Essa cidade não encontra similaridade na terra, por isso é a cidade de Deus¹¹. Assim, a longa e tortuosa história chegaria ao fim, a humanidade está de volta à casa do Pai, o paraíso¹².

A nova Jerusalém de João não está no horizonte de qualquer antítese senão a própria Jerusalém terrena¹³. Todo o sentido da *nova cidade* está voltado para a adesão a Cristo, ao seu Evangelho: “Se alguém está em Cristo é nova criatura. Passaram-se as coisas antigas, eis que se fez realidade nova” (2Cor 5,17).

A Cidade de Cristo no App 23-50.

O App 23 usa o mesmo arquétipo do autor do Apocalipse. Paulo é conduzido por um *anjo* para visitar a cidade de Cristo. Semelhante aos relatos mitológicos da segunda vida na religiosidade egípcia, a nova cidade está depois do grande rio, ou do outro lado do lago Aqueronte¹⁴.

¹⁰ MAZZAROLO, I, *Apocalipse*, p. 101.

¹¹ MAZZAROLO, I, *Idem*.

¹² MESTERS, C., OROFINO, F., *O apocalipse de João*, p. 242.

¹³ Discordamos aqui de muitos autores que colocam a Jerusalém celeste como um contraponto da Babilônia, da Roma ou da Prostituta (cf. ARENS, E., DIAZ MATEOS, M., *O apocalipse*, p. 258, entre outros). A Jerusalém do alto, a esposa do Cordeiro está no outro lado da Jerusalém localizada em território conhecido, mas corrompida, prostituída pela injustiça, mentira e opressão.

¹⁴ O rio Aqueronte corresponde ao rio mitológico do inferno, o qual deveria ser atravessado pelos mortos de barco, a fim de alcançar o Reino do Hades ou os Campos Elíseos. A mesma referência é encontrada no Ap de Pedro e nos Sibilinos 330 (cf. MINETTE DE TILLESE, C. *Revista Bíblica Brasileira*, 20-21 (2003-2004), nota 34, p. 528.

Um fato peculiar e próprio dentro do quadro dos Apocalipses é que os habitantes da cidade de Cristo se alegraram ao verem Paulo chegando. O texto não explicita porque esses habitantes se alegraram. Mais adiante, quando o vidente encontra os profetas junto ao rio de mel, também é recebido com carinho e ele pergunta ao anjo que o conduz a razão de tanta deferência, e o anjo responde que é para todos os que renunciaram a vontade própria para fazer a vontade de Deus que são bem recebidos (App 25).

Descrição da cidade

A cidade de Cristo tinha 12 muros, 12 torres e 12 portas, cercada por quatro rios: o rio de mel, rio de leite, rio de vinho e rio de óleo¹⁵.

A cidade que Paulo vê é de ouro puro, isto é, a realeza por excelência, a realeza perfeita, também construída com doze muralhas e doze torres, mas essas não estão nomeadas ou determinadas. Apenas que em cada torre há um estádio de um muro ao outro (185m.). Essa distância corresponde à distância entre o Senhor Deus e os homens (App 23).

A novidade na cidade de Cristo é que é circundada por quatro rios: um rio de mel, um rio de leite, um rio de vinho e um rio de óleo. Cada rio tem um nome próprio: o rio de mel é o Pison¹⁶, o rio de leite é o Eufrates, o rio de óleo é o Guion (ou Gyon), riacho ao sul de Jerusalém, onde Salomão foi ungido rei por Natã e Sadoc, por isso rio do óleo (1Rs 1,32-40). O rio de vinho é o Tigre¹⁷.

Quem Paulo encontrou junto a cada rio?

a) O anjo conduziu Paulo junto ao *rio de mel* (Pison) e lá viu Isaías, Jeremias, Ezequiel, Amós, Miquéias e os profetas maiores e menores. Então o vidente perguntou ao anjo que lugar era aquele, e o anjo retrucou: este é o caminho dos profetas e todos os que renunciaram a própria vontade para fazer a vontade de Deus. E eles saudaram Paulo (App 25).

b) Em seguida o anjo conduziu Paulo ao *rio do leite* e lá encontrou todas as crianças que Herodes matou. E o anjo acrescentou: todos os que guardam a castidade e a

¹⁵ O conceito oriental de óleo é sempre azeite, diferentemente do ocidente ou das Américas, onde óleo, via de regra, é extrato de soja ou outras sementes, de qualidade extremamente inferior ao azeite de oliva.

¹⁶ MINETTE DE TILLESE, C. *Revista Bíblica Brasileira*, nota 35, p. 528, explica que a grafia do nome Pison pode ser ainda vista como *Fison* ou *Quison*, correspondente ao lugar mitológico onde Sisara foi morto por Jael (Jz 5,21).

¹⁷ Sobre a descrição dos quatro rios veja Gn 2,10-14. Deve haver uma releitura do autor do App em função da apresentação da cidade de Cristo como a cidade do Édem, o verdadeiro paraíso.

pureza, quando saem do corpo são entregues a Miguel para que as conduza até esse lugar e as crianças as saúdem. E elas saudaram Paulo (App 26).

c) O nosso vidente foi conduzido pelo anjo à parte norte da cidade (o Tigre corre mais ao norte, junto à Assíria antiga) e lá encontrou Abraão, Isaac, Jacó, Ló e Jó. Ele perguntou ao anjo quem eram eles, e o anjo respondeu que foram aqueles que exerceram a hospitalidade. Eles estavam junto ao *rio de vinho*. O vinho é o símbolo da festa, da alegria e da hospitalidade (App 27).

d) E o quarto lugar foi o *rio do óleo*, no lado oriental da cidade. Lá havia homens cantando. E o anjo disse ao vidente que esses eram aqueles que se haviam empenhado no louvor ao Senhor e não tinham orgulho neles mesmos (App 28).

Quem entrará e quem ficará fora (Ap 22,8.15).

“Quanto aos covardes, porém, e aos infiéis, aos corruptos, aos assassinos, aos impudicos, aos magos, aos idólatras, e a todos os mentirosos, a sua porção se encontra no lago ardente de fogo e enxofre, que é a segunda morte” (Ap 22,8); “Ficarão de fora, os cães, os mágicos, os impudicos, os homicidas, os idólatras e todos os que amam ou praticam a mentira” (Ap 22,15).

Paulo tem exortações semelhantes quanto à responsabilidade diante da salvação, e classifica os que se condenarão: “Por isso Deus os entregou a paixões aviltantes: suas mulheres mudaram as relações naturais por relações contra a natureza; igualmente os homens, deixando a relação natural com a mulher, arderam em desejo uns para com os outros, praticando torpezas homens com homens e recebendo em si mesmos a paga da sua aberração. E como não julgaram bom ter o conhecimento de Deus, Deus os entregou à sua mente incapaz de julgar, para fazerem o que não convém: repletos de toda a sorte de injustiça, perversidade, avidez e malícia, cheios de inveja, assassínios, rixas, fraudes e malvadezas; detratores, caluniadores, inimigos de Deus, insolentes, arrogantes, fanfarrões, engenhosos no mal, rebeldes para com o país, insensatos, desleais, sem coração, nem piedade” (Rm 1,24-31)¹⁸.

Os livros sibilinos apresentam uma lista com algumas mudanças dos condenados¹⁹ (ver Tabela I):

¹⁸ Paulo se inspiraria em listas de vícios condenados pelas sociedades greco-romanas e também judaicas da época: Rm 13,13; 1Cor 5,10-11; 6,9-10; 2Cor 12,20; Gl 5,19-21; Ef 4,31; 5,3-5; Cl 3,5-8; 1Tm 1,9-10; 6,4; 2Tm 3,2-4; Tt 3,3; cf. Mt 5,19; 1Pd 4,3; Ap 21,8; 22,15). No contexto extra-canônico, ver os Sibilinos, n.214 e Apocalipse de Paulo, 46.

¹⁹ Cf. MINETTE DE TILLESE, C., *Revista Bíblica Brasileira*, 20-21, “Sibilinos”, p. 515-516.

Tabela I. Lista dos Excluídos nos Livros Sibílicos.

Os ímpios perecerão	Todos quantos praticaram o mal
Assassinos	Cúmplices dos assassinos
Mentirosos	Ladrões
Impostores	Destruidores das famílias
Glutões	Adúlteros
Caluniadores	Insolentes
Iníquos	Idólatras
Os traidores de Deus	Os que contaminaram sua carne
Os luxuriosos	Romperam a virgindade antes do casamento
Fornicadores	Praticaram aborto
Indecentes	Feiticeiros
Bruxos	

As principais listas de excluídos do Reino no Novo Testamento (ver Tabela II):

Tabela II. Lista dos Excluídos no Material NeoTestamentário.

Rm 1,18-32	Insensatos, idólatras, impuros, mentirosos, lésbicas, homossexuais, injustos, perversos, maledicentes, ávidos, invejosos, assassinos, briguentos, ladrões, detratores, caluniadores, inimigos de Deus, insolentes, arrogantes, fanfarrões, engenhosos do mal, rebeldes contra os pais, insensatos, desleais, sem coração e sem piedade.
Rm 13,13	Orgias, bebedeiras, devassidão, libertinagem, rixas, ciúmes
1Cor 5,10-11	Impudicos, avarentos, ladrões, idólatras, injurioso, beberrão
1Cor 6,9-10	Injustos, impudicos, idólatras, adúlteros, depravados, infames, ladrões, avarentos, bêbados, injuriosos
2Cor 12,20	Discordiosos, invejosos, animosos, rivais, maledicentes, falsos, arrogantes, desordeiros
Gl 5,19-21	Fornicadores, impuros, libertinos, impuros, idólatras, feiticeiros, odiosos, rixas, ciumento, irônicos, discordiosos, divisores, invejosos, beberrões, praticantes de orgias e coisas semelhantes
Ef 4,31	Os amargurados, exaltados, cheios de cólera, injuriosos e maliciosos
Ef 5,3-5	Fornicadores, impuros, avarentos, indecentes, picantes, maliciosos, impuros, avarentos, idólatras
Cl 3,5-8	Fornicadores, impuros, reféns das paixões, desejos maus, cúpidos, idólatras, desobedientes, exaltados, maledicentes, blasfemos, indecentes;

1Tm 1,9-10	Iníquos, rebeldes, ímpios, pecadores, sacrílegos, profanadores, paricidas, matricidas, homicidas, impudicos, pederastas, mercadores de escravos, mentirosos, perjuros e traficantes da sã doutrina.
2Tm 3,2-4	Egoístas, gananciosos, janctanciosos, soberbos, blasfemos, rebeldes, ingratos, iníquos, sem afeto, implacáveis, mentirosos, incontinentes, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, amigos dos prazeres.
1Pd 4,3	Vida de dissoluções, cobiças, embriaguez, glotonarias, bebedeiras, idolatrias abomináveis.
Lv 20,8-21	Esses casos eram tratados com pena de morte: o maledicente, adúltero, o que pratica o concubinato, homossexual, fornicador, o que pratica sexo com animal, pratica sexo com a mulher menstruada. Eram proibidas ainda, a quiromancia, necromancia, adivinhação, feitiçaria, orgias idolátricas, comer carne ou alimento com sangue, o perjúrio, a injustiça, a inveja, o ciúme, os maus tratos ao estrangeiro, a prostituição com a filha... (cf. Lv 19).

Arrebatamento 2Cor 12,1-5; App 3,1.

“¹ É preciso gloriar-me? Por certo não. Todavia mencionarei as visões e as revelações do Senhor. ² Conheço um homem em Cristo que, há quatorze anos foi arrebatado ao terceiro céu – se no seu corpo, não sei; se fora do seu corpo, não sei – Deus o sabe; - ³ Eu sei que esse homem – se no corpo ou fora dele, não sei; Deus o sabe! – ⁴ foi arrebatado até o paraíso e ouviu palavras inefáveis, que não é permitido ao homem repetir. ⁵ No tocante a esse homem, eu me gloriarei; mas no tocante a mim, só me gloriarei das minhas fraquezas”²⁰.

O Apóstolo afirma que *há quatorze anos*, a contar da data que está escrevendo essa carta (por volta de 43-44 d.C.), foi arrebatado até o terceiro céu (2Cor 12,2, até o paraíso (2Cor 12,4). A contagem regressiva nos faz imaginar que esse arrebatamento teria acontecido em Tarso (At 11,25), depois dos três anos de estada na Arábia (Gl 1,17-19), ou no início do seu ministério na Antioquia (At 13,2), antes da abertura da missão aos pagãos.

Paulo usa uma linguagem apocalíptica do arrebatamento, comum no gênero literário da visão, na revelação ou conhecimento das coisas do alto. Ele é arrebatado, não sabe se seu corpo também foi, por isso afirma que só Deus sabe se também o corpo acompanhou o espírito (2Cor 12,2). A incerteza de como acontece a revelação manifesta a certeza de que não acontece de modo racional, material, fisicamente palpável. Esse

²⁰ Cf. Apocalipse de Paulo, prólogo e “#3”, *Rev. Bib. Brasileira*, p. 517-518.

tipo de revelação acontece no êxtase místico, mas nem por isso deixa de ser verdadeiro e autêntico.

Discursar sobre os estágios celestes era uma prática rabínica conhecida. Havia até o sétimo céu, mas o mais comum era determinar os três primeiros: a atmosférico era o primeiro, o dos astros era o segundo e a morada de Deus era o terceiro. Aquilo que Paulo ouviu, nessa transmigração celeste, foram palavras inefáveis, inenarráveis (2Cor 12,4). Segundo os rituais de iniciação nos mistérios, as coisas percebidas nesses estágios não deveriam ser comunicadas aos não-iniciados, visto que não as entenderiam.

Se o arrebatamento era uma questão de glória, honra ou orgulho pessoal, Paulo conta que esse privilégio tinha um outro lado, pois se Deus lhe mostrou o céu, lhe *cra-vou um dardo na própria carne* (2Cor 12,7). Esse dardo servia para que Paulo não se orgulhasse do arrebatamento e ficasse permanentemente pensando na sua fragilidade, na sua condição humana e tivesse com isso uma melhor compreensão das situações de homens e mulheres que evangelizava.

A busca pela compreensão do que seria esse aguilhão é bastante infrutífera. Muitas opiniões foram dadas, muitas propostas de resposta, mas ficamos ainda no imaginário. Os escritores ascéticos ocidentais, dentre eles Gregório Magno, sugeriam que tivesse sido uma dificuldade pessoal na relação da castidade. S. João Crisóstomo explicava esse sofrimento pelas constantes perseguições dos seus irmãos na carne, os hebreus (2Cor 11,24). Basílio afirmava tratar-se de uma enfermidade cujas dores o atormentavam constantemente. Ramsay e outros propuseram alguma enfermidade própria da Ásia Menor, como a malária, a cegueira ou outra, entre as diversas endemias da época. Há ainda uma outra corrente de espiritualistas que acreditavam ser uma dor espiritual no estilo dos místicos, os quais sofriam com o pecado no mundo, com os males presentes no ser humano os quais se transformam em modos atuais de crucificação do Cristo, na história de cada época, como acontecia com Francisco de Assis, Tereza d'Ávila, Frei Pio de Pietralcina e outros, cuja paixão de Cristo era uma realidade presente.

Acredito que essa última interpretação seja a mais plausível diante da consciência da missão, da necessidade de evangelizar (1Cor 9,16). A experiência do arrebatamento, que poderia ter-lhe servido de trunfo ufanista, lhe serviu de compromisso, de imperativo missionário diante do qual ele, mesmo temendo os perigos na terra, no mar, dos falsos irmãos, jamais abandonou o ministério (2Cor 11,1-33, esp. vv. 21-29). Seria simplório admitir que dificuldades na castidade, doenças comuns ou até mesmo a oposição dos judeus tivesse sido uma causa de humilhação, traduzido por um *aguilhão na*

carne. Por outro lado, esse conhecimento “esotérico” conferia uma grande autoridade ao Apóstolo para proclamar a profecia como um dom maior na edificação das comunidades cristãs e não a prática de ritos espirituais (cf. 1Cor 13-14). Ele afirma que poderia falar em línguas mais que todos os cristãos de Corinto (1Cor 14,18).

O Arrebatamento no App “Prólogo e #3”.

Prólogo : Chego agora às visões e as revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que, há quatorze anos foi arrebatado ao terceiro céu – será que foi no seu corpo, eu não sei; será que foi fora do seu corpo? não sei - Deus o sabe; - foi arrebatado até o paraíso e ouviu palavras inefáveis, que não é permitido ao homem repetir. No tocante a esse homem, eu me gloriarei; mas no tocante a mim, só me gloriarei das minhas fraquezas.

App #3: “Quando estava no meu corpo, no qual eu fui arrebatado até o terceiro céu, a palavra do Senhor veio a mim dizendo: - Fala para este povo – Durante quanto tempo transgredireis e acrescentareis pecado em cima de pecado e tentareis o Senhor que vos criou? Sois os filhos de Deus, fazendo as obras do diabo na fé em Cristo por causa dos empecilhos deste mundo. Lembrai-vos, portanto, e sabeis que enquanto todas as criaturas servem a Deus, **somente a raça humana peca**. Ela reina sobre todas as criaturas e peca mais do que a natureza inteira”²¹.

Esse texto poderia ajudar a entender a segunda carta à comunidade de Corinto (2Cor 12,1-21), justificando duas coisas: a. as razões da visão, a missão gerada no arrebatamento; b. o *aguilhão na carne* (2Cor 12,7) como sendo a dor do pecado e as resistências à conversão da humanidade.

Por outro lado, *três grandes inimigos* estavam presentes na igreja de Corinto: a. A mesma serpente sedutora de Eva (2Cor 11,3); b. os falsos apóstolos, que utilizavam a mesma titulação que os verdadeiros, mas com isso desviavam os fiéis (2Cor 11,12-13); c. Satanás, vestido de anjo de luz, como atração e perdição dos que deviam anunciar a justiça (2Cor 11,14-15). Lutar contra essas forças impedia que tivesse um momento de sossego e tranquilidade. Essas angústias obrigavam o Apóstolo a constantes cuidados, tensão e perseguição, não tendo como orgulhar-se de ter estado nos céus. Seriam esses

²¹ Utilizamos aqui a tradução de MINETTE DE TILLESE, C., *Revista Bíblica Brasileira*, 20-21, 2003, p. 518.

sentimentos que motivaram a frase à comunidade de Filipos: “Para mim, viver é Cristo e morrer é lucro” (Fl 1,21).

App 23-44.

Os que Ficarão Fora do Reino no Ap. de Pedro.

O julgamento final será uma ressurreição, onde todo osso buscará outro osso, toda a carne encontrará a outra carne, toda a juntura se conectará e assim ossos, carne, pele e cabelos reconstituirão o novo ser (Ap de Pd, 4; cf. Ez 37). Os condenados, homens e mulheres, são os que de uma ou de outra forma transgrediram os princípios existenciais da vida, do bem e da justiça.²²

Tabela III – Lista de Excluídos do Apocalipse de Pedro.

Os apóstatas	Iníquos
Hipócritas	Pecadores
Idólatras	Blasfemos
Injustos	Mulheres luxuriosas e adúlteras
Adúlteros	Assassinos
Mulheres que provocaram nascimentos antecipados	Pais que desprezaram a infância dos filhos
Os/as amaldiçoados/as pelo desamor aos filhos	Homens e mulheres que provocaram aborto
Homens e mulheres que desprezaram a justiça e os mandamentos	Homens e mulheres que emprestaram com usura
Homossexuais	Lésbicas
Filhos/as que não honraram seus pais	Moças que não guardaram a virgindade
Os/as que deram esmolas hipocritamente	

Os Condenados no Apocalipse de Paulo.

A visão do Apóstolo parte desde sua chegada ao terceiro céu (App 3).

Tabela IV – Lista dos Excluídos no Apocalipse de Paulo.

Impiedosos	Injustos
------------	----------

²² MINETTE DE TILLESE, C., *Revista Bíblica Brasileira*, 20-21, 2003, pp. 507-510, “Apocalipse de Pedro”, 5-12.

Fornicadores	Homicidas
Perjuriosos	Adúlteros
Homicidas	Ladrões
Magos	Aliciadores
Maldosos	Iníquos
Pais que não amaram seus filhos	Os que desprezaram o estrangeiro
Os incestuosos	Idólatras
Os que apresentaram falsos cultos	Caluniadores
Arrogantes	Perversos
Anjos ímpios	Os que inverteram as relações naturais

A Cidade de Cristo.

A cidade de Cristo é realmente paradisíaca. Os habitantes da cidade se alegraram muito ao ver o novo visitante, ainda que em trânsito, pois estaria voltando em seguida para a terra (Paulo estava apenas vendo o que havia lá no terceiro céu, como prova de que valia a pena lutar por ele).

A cidade era inteiramente de ouro, portanto, características da realeza, da onipotência e da perfeição.

As doze muralhas, as doze torres e o estádio que havia entre cada uma das muralhas indicava (um ambiente helenístico, visto que os judeus abominavam os estádios gregos) um lugar de lazer, de segurança e poder.

Os quatro rios que banhavam a cidade não podiam ser melhores: um era o rio de mel, outro de vinho, outro de leite e outro de óleo. O mel é o manjar dos deuses; o vinho é a bebida dos nobres; o leite é a energia vital e o óleo é a unção, bálsamo e o perfume da vida. Esses rios tinham os mesmos nomes daqueles que banhavam o Paraíso terrestre (cf. Gn 2,10-14)²³. Esses rios apontavam para a abundância, saciedade, fim de todo o sofrimento, angústia e dor²⁴.

Quem está Dentro ou Pode Entrar na Cidade de Cristo.

²³ MAZZAROLO, I., *Gênesis 1-11*, p. 129-130.

²⁴ MINETTE DE TILLESE, C., *Revista Bíblica Brasileira*, 20-21, 2003, na p. 528, em três notas explica que no Apocalipse de Pedro e nos Sibílicos, 330, o rio Aqueronte é um rio mitológico do inferno e que os mortos deviam atravessar de barco para entrar no Reino do Hades ou dos Campos Elíseos. O rio Pison (Fison ou Quison, de acordo com a interpretação das consoantes) indica o lugar mitológico onde Sisara foi morto por Jael (Jz 5,21); o rio Guion e o riacho ao Sul de Jerusalém, onde Salomão foi ungido Rei por Natã e Sadoc, por isso seria também chamado de “rio do óleo”.

O nosso vidente encontrou lá muita gente, dentre eles, os profetas maiores e menores, nominalmente citados Isaías, Jeremias, Ezequiel, Amós, Miquéias. O autor ou quem mostrou esses ao vidente tinha uma preferência pelos profetas caracterizados como *profetas da justiça social*.

Alguns patriarcas e sábios como Abraão, Isaac e Jacó, Ló e Jó (não viu Moisés? Por que não foi mencionado?).

Outros que estavam lá eram os que tinham cumprido radicalmente os mandamentos de Deus e o Evangelho de Jesus Cristo (cf. App, 24).

Os justos, citados os que praticaram a hospitalidade para com os estrangeiros, os que ajudaram os peregrinos.

Em tronos especiais, numa muralha mais interna, estavam outras pessoas com ar triunfante, cheias de glória e louvor. Essas eram pessoas que além de muita inteligência e bondade no coração, se tornaram *loucas por Deus* (#28).

Conclusão

Os livros apocalípticos fazem um jogo de prêmio ou castigo. Esse tipo de teologia não é propriedade exclusiva dos apocalipses visto que no deuteronomismo encontramos posturas semelhantes.

Eis que coloco diante de ti a vida e a morte, a bênção e a maldição, escolhe.... (Dt 30,15-20).

O castigo ou o prêmio não pertencem ao bem querer ou mal-querer arbitrário de Deus, mas ele, sendo justo e bom, respeita profundamente os desejos do ser humano. Como meta última desse tipo de teologia, pode-se afirmar, sem sombra de dúvida que o interesse não é a *escatologia*, mas a história.

Na escatologia pouco ou nada se pode fazer (A parábola do rico e Lázaro, Lc 16,19-31), mas pode-se mudar a história presente, o aqui e agora. O Reino de Deus chegou, o conhecimento do certo e do errado, do bem e do mal não estão no além, mas ao alcance da inteligência, da vontade, do poder de cada um.

A liberdade é a irmã mais velha da responsabilidade.

Bibliografia

PRIGENT, P. *l'Apocalisse di S. Giovanni*, Roma, Borla, 1985.

MESTERS, C., OROFINO, F., *Apocalipse de João, Esperança, coragem e alegria*, São Leopoldo/CEBI, São Paulo/Paulus, 2002.

ARENS, E., DÍAZ MATEOS, M., *O Apocalipse, a força da esperança*, São Paulo, Loyola, 2004.

MINETTE DE TILLESE, C., *Revista Bíblica Brasileira, 20-21*, Fortaleza, Nova Jerusalém, 2003.

MAZZAROLO, I., *Apocalipse, esoterismo, profecia ou resistência?* Rio de Janeiro, Mazzarolo editor, ²2000.

KEIL, C.V., DELITZSCH, F., “Ezequiel and Daniel”, *Commentary on the Old Testament*, v.9, Massachusset, Hendrickson, 2006 (segunda re-impressão).